

FORMAÇÃO EM REDE 2026

APROFEM

Letramento Ético e Pensamento Crítico

Educação na Era Digital

“Não há fatos, apenas interpretações”



“Não há fatos, apenas interpretações”

A formulação associada a Nietzsche é frequentemente mobilizada para lembrar que interpretações são mediadas pela linguagem e pela perspectiva; usada sem critério, porém, pode virar licença para negar evidências (NIETZSCHE, 2008).

Nietzsche está atacando a confiança “ingênua” de que existiriam fatos “puros”, que falariam por si mesmos, como se pudéssemos olhar o mundo de um ponto de vista totalmente neutro, sem linguagem, valores, interesses e história.

A ideia é esta: o que chamamos de “fato” sempre chega até nós “já com alguma leitura”. Nós percebemos, nomeamos, selecionamos e damos sentido ao que acontece. Isso vale desde situações banais até temas públicos. Um mesmo acontecimento pode ser descrito de formas diferentes porque as pessoas o enxergam a partir de perspectivas distintas (experiências, crenças, emoções, posição social, referências culturais). Para Nietzsche, o desafio não é fingir que dá para sair da perspectiva; o desafio é reconhecer a perspectiva e trabalhar criticamente com ela, em vez de tratá-la como “verdade natural”.

Isso não significa que “tudo é opinião” ou que “qualquer coisa vale”. O próprio debate filosófico sobre o tema mostra que Nietzsche critica a ideia de uma “visão de lugar nenhum” (um olhar absoluto), mas ao mesmo tempo propõe uma noção mais exigente de “objetividade”: não como neutralidade impossível, e sim como a capacidade de confrontar perspectivas, colocar “prós e contras” em jogo, e usar uma perspectiva para corrigir limites da outra. Em outras palavras: há interpretações melhores e piores, mais coerentes, mais bem sustentadas, mais responsáveis, mais abertas à revisão.

Um exemplo cotidiano ajuda. Imagine que alguém não responde uma mensagem. Um “fato” mínimo poderia ser: “a pessoa não respondeu até agora”. A partir daí surgem interpretações: “está me ignorando”, “está ocupada”, “não viu”, “ficou sem internet”. O que muda não é o evento bruto, mas o sentido atribuído a ele. Na escola, algo parecido ocorre quando um estudante chega atrasado: o registro pode dizer “chegou 10 minutos após o início”, mas as interpretações variam (“desinteresse”, “problemas de transporte”, “situação familiar difícil”, “ansiedade”). O “pensar certo”, nesse ponto, é não confundir a primeira leitura com a realidade inteira: é perguntar, buscar contexto, checar evidências, escutar outras versões e só então sustentar um juízo.

Esse debate é particularmente útil no mundo digital, porque as plataformas ampliam a circulação de leituras prontas, recortes e narrativas emocionais. A frase de Nietzsche, lida com cuidado, funciona como um alerta: quando alguém diz “isso é um fato”, vale perguntar “fato em que sentido?”, “com base em que fonte?”, “o que ficou fora do recorte?”, “qual interpretação está sendo empurrada aqui?” — e, sobretudo, quem ganha com aquela interpretação virar “a única possível”.

Na vida cotidiana, isso aparece no “cada um tem sua verdade” para escapar de checagem. Na escola, o desafio é ensinar que há interpretações legítimas, mas elas precisam ser sustentadas por evidências e método.



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/>